

CAÇADAS DE PEDRINHO E A FORMAÇÃO CRÍTICA, IDEOLÓGICA E PERCEPTIVA DO LEITOR LITERÁRIO

Wilck Camilo Ferreira de Santana ¹ (UFRPE)

RESUMO: Este trabalho procura analisar a produção de Monteiro Lobato pondo em paralelo a obra do ficcionista/crítico à do escritor de literatura infanto-juvenil com intuito de legitimar o valor e a atualidade das suas ideias pedagógicas. Sendo assim, a análise busca, de modo geral, investigar o projeto literário infantil de Lobato como ferramenta de formação e humanização. Apontaremos que é na busca de uma linguagem mais coloquial e da inserção do universo rural que o autor cria uma literatura de acordo com a cara e a realidade brasileira, se apropriando de aspectos culturais e interdisciplinares. Assim, evidenciaremos que a literatura lobateana se faz manancial de aprendizado devido ao trabalho realizado através da linguagem capaz de mediar a realidade, reinventar o contexto e possibilitar inúmeras significações, de modo que, sem engano, é considerado o principal exercício para a formação do leitor, a fim de fazê-lo compreender a realidade. Posto isto, será *Caçadas de Pedrinho* o principal foco desta análise, de modo que buscaremos pensar as ideias sobre educação e os recursos estéticos usados por Monteiro Lobato para tornar o texto literário um método didático estimulante e, portanto, eficiente para o desenvolvimento do espírito crítico na criança. Para tanto, além de ideias do próprio autor, utilizaremos como fundamentação teórica o pensamento de Antonio Candido (1980), Marisa Lajolo (1999), Regina Zilberman (2004) entre outros estudiosos da Literatura, da Pedagogia e da Fortuna Crítica de Monteiro Lobato, apresentando, assim, uma discussão que revele como a teoria pedagógica lobateana torna a literatura um recurso didático.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Literatura infanto-juvenil; *Caçadas de Pedrinho*; Monteiro Lobato.

RESUMEN: Este artículo pretende analizar la producción de Monteiro Lobato, colocando en paralelo la obra del escritor de ficción/crítico con la de escritor de literatura infanto-juvenil con el fin de legitimar el valor y la actualidad de sus ideas pedagógicas. Así, el análisis busca, de modo general, investigar el proyecto literario infantil de Lobato como herramienta de formación y humanización. Señalaremos que es en la búsqueda de un lenguaje más coloquial y en la inserción del universo rural que el autor crea una literatura según la cara y la realidad brasileña, apropiándose de aspectos culturales e interdisciplinarios. Así, evidenciaremos que la literatura lobateana se hace fuente de aprendizaje debido al trabajo realizado a través del lenguaje capaz de mediar la realidad, reinventar el contexto y permitir innumerables significados, de modo que, sin error, es considerado el principal ejercicio para la formación del lector, con el fin de hacerlo entender la realidad. Dicho eso, será *Caçadas de Pedrinho* el objetivo principal de este análisis, por lo que intentaremos pensar las ideas sobre educación y los recursos estéticos utilizados por Monteiro Lobato para hacer del texto literario un método didático estimulante y, por tanto, eficiente para el desarrollo del espíritu crítico en el niño. Para eso, además de las ideas del autor, vamos a utilizar como aporte teórico el

¹ Graduando em Licenciatura em Letras para dupla habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, e bolsista voluntário do projeto de pesquisa *Monteiro Lobato: literatura e fantasia ilustram e formam novos leitores*, cadastrado na base CNPq.

pensamiento de Antonio Candido (1980), Marisa Lajolo (1999), Regina Zilberman (2004) entre otros estudiosos de la literatura, de la pedagogía y de la fortuna crítica de Monteiro Lobato, presentando, así, un debate que revela cómo la teoría pedagógica lobateana hace de la literatura de recurso didáctico.

PALABRAS-CLAVE: Educación; Literatura infanto juvenil; *Caçadas de Pedrinho*; Monteiro Lobato;

1. Introdução

Considerado pela crítica como um dos maiores nomes da literatura infantojuvenil, Monteiro Lobato é o grande responsável por introduzir no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, uma literatura infantil que encampa a preocupação de se revelar de cunho “totalmente brasileiro”; ou seja, baseada no patriotismo lobateano, buscava traduzir o que julgava culturalmente revelador da “identidade” nacional e, ainda, o que serviria de base à formação de cidadãos conscientes (infantes em formação, sobretudo).

Antes desse momento, as histórias que chegavam ao Brasil e eram lidas pelas crianças passavam por um processo de exportação europeia e, dessa forma, possibilitava-se contato com um contexto adverso da realidade brasileira, o que dificultava em grande escala a leitura das crianças. Tomando como exemplo disso o Sítio do Pica-pau Amarelo, é possível notar que é na busca de uma linguagem mais coloquial e da inserção do universo rural que Lobato, pouco a pouco, cria uma literatura de acordo com a cara e a realidade brasileira, se apropriando de aspectos culturais e interdisciplinares. Por assim ser, a literatura lobateana se faz de aprendizado devido ao trabalho realizado através da linguagem capaz de mediar a realidade, reinventar o contexto e possibilitar inúmeras significações, de modo que, sem engano, é considerado o principal exercício para a formação crítica, ideológica e da capacidade perceptiva do leitor, a fim de fazê-lo compreender a realidade.

Assim sendo, as ideias aqui postas podem ser posicionadas como uma investigação do projeto literário infantil de Monteiro Lobato como ferramenta de formação e “humanização” do leitor, em uma espécie de escolarização da literatura. Em busca disso, além da análise da obra *Caçadas de Pedrinho* (1973), também se fez necessário o contato com obras como *A Barca de Gleyre* (1957) e a fortuna crítica de autores como Maria Jose Palo e Maria Rosa D. Oliveira (2006).

2. Monteiro Lobato e a literatura infanto-juvenil no Brasil

No que diz respeito à especificidade da produção infantil lobateana e ao melhor enquadrando nesse contexto, quando nos referimos ao termo *literatura infantil* ou *literatura infanto-juvenil*, involuntariamente, estabelecemos uma reflexão acerca da etimologia e, principalmente, de uma categoria literária designada a partir do termo *infantil* (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 5). No Brasil, Monteiro Lobato é o principal

responsável por repensar o conceito e a aplicabilidade pragmática desse tipo de produção, ganhando, desde então, um posto de destaque pela crítica literária brasileira.

Foi na transição da monarquia para o regime republicano, mais especificamente no final do século XIX, que aparecem os primeiros livros direcionados à literatura infantil no Brasil; porém, foi somente anos depois desse momento que Monteiro Lobato aparece nesse cenário. Como escritor de literatura infantil, Lobato escreveu “trinta e nove histórias, das quais trinta e duas originais e sete adaptações”, contando, assim, “cerca de cinco mil páginas, quase um milhão de exemplares em circulação” (CAVALHEIRO, 1962, p. 142). O não êxito de alguns de seus escritos, como exemplo, *O escândalo do petróleo* (1936), fez com que Lobato adaptasse suas ideias para o público infantil, o que resultou no *O poço do Visconde* (1937).

Por ser considerado como minoria, antes de ponderar de maneira específica essa vertente literária, é importante pensarmos no público ao qual é destinada essa produção artística – as crianças – e da sua inserção no contexto social. Para isso, seguindo a linha das autoras Maria José Palo e Maria Rosa Duarte Oliveira (2006), é possível ter um panorama dessa realidade que, de certa forma, foi modificada por Lobato:

Falar à criança, no Ocidente, pelo mesmo, é dirigir-se não a uma classe, já que não detém por algum, mas a uma minoria que, como outras, não tem direito a voz, não dita seus valores, mas, ao contrário, deve ser conduzida pelos valores dos adultos. São esses que possuem saber e experiência suficientes para que a sociedade lhes outorgue a função de condutores daqueles seres que nada sabem e, por isso, devem ser-lhes submissos: as crianças (PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D, 2006, p. 5).

Tendo consciência dessa ‘imposição de capacidade’, foi - através da sua produção literária - que Monteiro Lobato resolveu dar voz e autonomia a esse público, almejando, sobretudo, sua formação crítica. Nas entrelinhas, isso demonstra a percepção de Lobato quanto à complexidade de determinadas produções literárias para o público infantil, fazendo suscitar a necessidade de adaptação de obras, a fim de torná-las acessíveis aos pequenos. De tal modo, a formação crítica dos leitores lobateanos é, sem dúvida, a principal comprovação em relação ao grande e constante número de produções críticas acerca da obra do paulista que encantou – e ainda encanta – crianças de distintas gerações por meio de uma produção baseada na verdade, inclusive em conflitos de ordem social, que dão ao leitor o poder de questionar e opinar sobre tal, não subestimando a capacidade cognitiva e perceptiva da criança. Na obra *O poço do Visconde* (1937) o autor apresenta questões sociais que envolvem a busca do petróleo, tema supostamente pouco explorado pelas crianças.

3. Dona Benta: de avó à mediadora de leitura

Ao longo de um largo tempo, Lobato se encarregou de escrever aventuras fantásticas para os netos de Dona Benta, ocorrendo, supostamente, adaptações relacionadas ao contexto e à vida dos personagens, porém manteve um grupo de

personagens definidos. Foi preocupado com a difusão da cultura e do conhecimento de áreas diversas que o escritor buscou eternizar seus personagens na mente das crianças. Assim, as histórias do Sítio do Pica-pau Amarelo reuniram diversas preocupações didáticas por parte do autor, de modo que o projeto literário lobateano consiste na ampliação do conhecimento cultural e científico de seus leitores. É através de artefatos literários que, pouco a pouco, ele vai direcionando o leitor para o caminho da aprendizagem. Tais recursos perpassam pela crítica, formação cultural e a (re)significação através da leitura.

Nesse contexto, unindo o mundo real ao imaginário, a personagem de Dona Benta possui a tarefa de contar histórias a seus netos, também personagens. Indiscutivelmente, esse papel é exercido com muita desenvoltura, contando com uma maneira sem igual de contar as clássicas narrativas. Portanto, essa personagem, possuidora de uma diversificada e considerável biblioteca, é, acima de qualquer fator, fonte de conhecimento científico e popular.

Ainda à luz do pensamento de Maria José Palo e Maria Rosa Duarte Oliveira (2006), a fala é um elemento essencial à vida do ser humano, capaz de transportar muito do “mimetismo”, através de possibilidades que se condensam por meio de elementos como a entonação e a expressão corporal. Nesse contexto, a personagem de Dona Benta é de extrema importância no desenvolvimento do papel de mediar a construção do conhecimento literário e interdisciplinar, pois reaparece como uma personagem com grande formação literária.

Extremamente pragmática, essa função pedagógica tem em vista uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-lhe da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são, de atuar sobre a mente daquele que a usa; no caso, a criança. Esse uso, por sua vez, também se manifesta por uma ação – a atividade de leitura –, responsável pela decodificação da mensagem, traduzindo-a em novos signos portadores de sentidos que a mente aprendeu e, agora, transfere à experiência do usuário, incorporando-os ao seu modo de pensar, sentir e agir (PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D, 2006, p.13).

Dessa forma, a figura da avó de Pedrinho e Narizinho é de extrema importância na exposição de sua compreensão e, em principal, da mediação, através de seu ponto de vista, contornando a complexidade da obra para o público infantil, numa espécie de contextualização, e levando sempre em consideração o conhecimento de mundo dos receptores da mensagem, de modo que, através do diálogo, é possível construir conhecimentos e adentrar no universo proposto pela narrativa de maneira interativa: parafraseando, introduzindo vocabulário, fornecendo o contexto da obra e situando os personagens, como é possível constatar no questionamento suscitado por Narizinho a respeito de uma palavra desconhecida:

– Que é alcáçar, vovó? – interrompeu Narizinho. – É o mesmo que castelo, fortaleza. E velar as armas é uma cerimônia da cavalaria. Antes de ser armado cavaleiro, o candidato devia passar a noite diante de suas armas, velando-as. – Quanta besteira, meu Deus! – exclamou Emília – E ainda me chamam

asneirenta. Asneirenta é a humanidade... – Bem – exclamou Dona Benta, rindo-se – o estalajadeiro ouviu aquilo e [...] (LOBATO, 1965, p. 27).

Além de interrupções dos personagens do Sítio, a fim da adição de informações e compreensão do texto literário, de modo geral, a mediação estabelecida por Dona Benta ajuda a demonstrar as relações estabelecidas em outro contexto social e cultural em uma espécie de intercâmbio. Por assim ser, Lobato almejou a autonomia dessas crianças e principalmente fazer com que elas tivessem um contato cada vez maior com textos diversos. Dessa forma, podemos perceber que a função de Dona Benta é aproximar o leitor ao texto em uma espécie de ponte, o que facilita a compreensão da leitura para as crianças. Assim, ao resolver contar a história ao invés de lê-la, o narrador prioriza a tradição oral da língua, porém, muitas vezes mantém termos originais, talvez como estratégia adotada pelo narrador/autor para educar linguisticamente seus ouvintes em diferentes modalidades da língua.

O ponto chave da obra infantil lobateana está na construção de narrativas responsáveis pelo direcionamento de seus leitores por caminhos que proporcionem o encontro deles com eles mesmos, dando-lhes a liberdade de escolher, pensar e sentir suas próprias histórias. Em outras palavras, um tipo de literatura que se faz como canal capaz de interação e inserção cultural, em que, acima de tudo, o leitor seja capaz de produzir significações diversas daquilo que lê, portanto, este é um ponto alto de incitação à reflexão presente na obra de Lobato: a ideia de uma literatura capaz de formar leitores. Talvez se possa justificar esse fator por esse exercício se fazer presente na grande maioria de suas narrativas, nas quais as personagens ouvem e contam histórias em um exercício de troca de experiências acerca do mundo. Desse modo, por exemplo, em algumas tramas, Dona Benta é a contadora e leitora de histórias, no mesmo momento em que Pedrinho, Narizinho e Emília são os ouvintes capazes de produzir diálogo, questionar e indagar. Assim, podemos afirmar que há no projeto lobateano a preocupação de contextualização dos temas propostos e, sobretudo, a apresentação de referências que, intrinsecamente, visam encaminhar o leitor na busca de novas possibilidades de leitura.

4. Considerações finais

As crianças foram a grande conquista de Lobato, elas entenderam, viveram e vivem os sonhos planejados ou vividos por ele. A produção lobateana é uma espécie de obra que faz com que seus leitores, sobretudo as crianças, desejem “morar dentro da história” devido à identificação com os personagens, o espaço e as histórias narradas.

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’Os Filhos do Capitão Grant. (LOBATO, 1956: Tomo 2, p. 292293).

Desde sempre, as histórias, narradas somente em sua vida adulta, se mostraram presentes na vida de Lobato; ele as ouviu e viveu muitas delas quando criança, parte delas contada pelas negras da fazenda do seu avô, as quais afirmavam, por exemplo, que “o saci tem olhos vermelhos, como os dos beberrões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos à noite; chupa-lhes o sangue e embarça-lhes a crina”. (LOBATO, 1956: Tomo 2, p. 128). E, assim como na sua infância, ele desejou proporcionar o mesmo para as crianças do seu país. Porém, ao se dedicar a esse tipo de literatura, fez por deixar sua marca para sempre em um número de crianças que ainda não deixou de crescer.

Ciente da diferença entre o que é escrever para crianças e para o adulto, o que provavelmente tenha sido o seu grande diferencial diante de outros autores, Lobato deixa transparecer essa consciência, ao redigir uma carta para Godofredo Rangel comentando a satisfação sobre o quão ele, como escritor, conseguiu deixar seu legado na vida de muitos de seus leitores.

Ah, Rangel, que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança “um adulto em ponto pequeno”, é que tantos escritores fracassam na literatura infantil e um Andersen fica eterno. Estou nesse setor há vinte anos, e o intenso grau da minha “reeditabilidade” mostra que meu verdadeiro setor é esse. A reeditabilidade dos meus livros é muito menor. Não posso dar a receita. Entram em cena imponderáveis inapreensíveis (LOBATO, 1956, p. 346).

E, mais ainda, confirma-se isso também na percepção da leitora remetente da carta citada a seguir:

Querido Monteiro Lobato: Chamo-o assim porque desde pequenina me habituei tanto a você, “tivemos” tantas palestras juntos na minha imaginação, que não teria jeito de trata-lo de outra forma. Creio que somos íntimos. Aos oito anos li *Reinações de Narizinho* e vivi todos os lances do livro. Desde então tenho lido todos os outros da serie. Adoro a Emília e desafio quem diga que a ama mais. [...] Desde que comecei a ler seus livros “resolvi” tornar-me escritora. Isso aos 8 anos! Que audácia!... [...] O que você escreve eu devoro com delícia. Tudo! Livros infantis e não infantis. Seus contos e o mais são perfeitos. Não há neles uma palavra supérflua. Artigos que saíram antes da sua prisão, eu os devorei todos. [...]. Desejo imenso conhece-lo, mas não acho coisa possível. Com tão ferrenha família, tornei-me cheia de inibições e sem confiança em mim. [...] Sou uma atormentada, cheia de curiosidades, e não podendo satisfazer a nenhuma. Tudo é proibido. [...] Leio muito, mas às tontas e às escondidas. Sou duma ignorância crassa, que me revolta. Desejaria saber ao menos o papel que represento na vida. Ah, se eu tivesse quem me orientasse as leituras, para não perder tempo com inutilidades... O tempo que consigo roubar ao estudo é escasso, e somos tão vigiadas! Como sei escrever á maquina, elas pedem-me para fazer certos trabalhos; e gosto, porque gosto de escrever “maquinalmente”. Fico só no escritório e então devaneio. Foi o que sucedeu agora, e resolvi realizar um velho sonho, escrevendo-lhe esta carta. [...] Se alguém me perguntasse qual a oitava maravilha do mundo, eu diria: a Emília, ou o Sítio do Picapau Amarelo, pois tudo se confunde. Passos se aproximam. Adeus... (LOBATO, 1956, p. 346349).

Nesse momento, uma maior receptividade e interação literária pelo público de menor idade faz Lobato refletir e encarar, sempre com muita dedicação, o “carnegão” da literatura infanto-juvenil e colocar para fora o que ele teve de melhor com muita criatividade e aventura, como quando afirma que a carta da leitora remetente “revela todo um mundo para o psicólogo. E cartas assim constituem os verdadeiros prêmios que possa ter um escritor no fim da vida” (LOBATO, 1956, p.346).

Registrada em *A Barca de Gleyre* (1956), esta carta pode nos revelar a dimensão “humanizadora” desempenhada pela literatura infanto-juvenil de Lobato. É possível perceber uma presença ideológica e transgressora na vida da remetente que, apesar das barreiras encontradas ao longo de sua vida, conseguiu, através dos questionamentos articulados por meio da leitura e interação com a obra lobateana, superar os limites a ela impostos desde criança. Após ter iniciado, aos oito anos, a leitura de histórias de Lobato, a remetente confessa, apesar das dificuldades, não mais ter parado numa espécie de posicionamento diante da própria existência. E isso significa mais que estar simplesmente no mundo, significa manter um posicionamento diante das adversidades. No seu caso, torna-se uma devoradora de livros e ideias audaciosas como as de Emília.

O pensamento infantil é aquele que está sintonizado com esse pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de *literatura infantil* investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada (PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D, 2006, p.11).

A partir do momento em que Lobato se dedica a escrever essas histórias, transmite sua riqueza de bom escritor a seus leitores que passaram a viver dentro delas como ele sempre quis. E é no Sítio de Pica-pau Amarelo que Lobato abriga todos esses leitores, fazendo desse espaço um lugar de aventuras e de ideias sempre possíveis.

Até mesmo sem uma busca aprofundada de dados, é possível perceber como toda a sua literatura envolve situações imaginárias e aventurosas, afetando um grande número de leitores, além de provocar o leitor e fazê-lo experimentar diversos sentimentos e imaginar a possibilidade de lidar com o mundo. É impossível negar que a obra lobateana, escrita em outra época, carrega suas marcas históricas e culturais, assim como seus valores éticos. Mergulhando na leitura da sua obra, o leitor tem a oportunidade de dialogar com e sobre os textos e ampliar o conhecimento enciclopédico.

A linguagem informal, a apropriação de expressões populares e palavras carregadas de sentido ideológico possibilitam um diálogo maior com o texto e a oportunidade de recriação de sentidos.

Pedrinho, na varanda, lia um jornal. De repente parou, e disse a Emília, que andava rondando por ali: — Vá perguntar a vovó o que quer dizer folclore. — Vá? Dobre a língua. Eu só faço coisas quando me pedem por favor. Pedrinho, que estava com preguiça de levantar-se, cedeu à exigência da ex-boneca. — Emília do coração — disse ele — faça-me o maravilhoso avor de ir perguntar à vovó que coisa significa a palavra *folclore*, sim, tetéia? Emília foi e voltou

com a resposta. — Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho? O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse: — Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. (LOBATO, 1994, p. 5)

Além dos fatores mencionados anteriormente, também é perceptível em Lobato o objetivo de resgatar artefatos da cultura popular brasileira e valorizar a sabedoria do povo propagada por longas gerações. Esse fato se torna evidente quando Pedrinho, conversando com Emília, chega à conclusão da importância do conhecimento preservado por Tia Nastácia ao longo da vida. É fazendo de Tia Nastácia uma representação da sabedoria popular que Lobato envereda seus leitores por esse caminho, daí o plano de Pedrinho “de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela” (LOBATO, 1994, p. 5).

É através da experiência literária que o leitor pode se deslocar de sua forma de enxergar o mundo permitindo, sempre, descobertas. Inquestionavelmente, a obra de Monteiro Lobato deixou grandes pegadas na cultura brasileira, marcando a vida de leitores de diferentes gerações, influenciando no seu modo de ser e estar no mundo, tornando-se uma grande referência na literatura brasileira.

Referências

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. Edição da Companhia Distribuidora de Livros, especialmente para a Companhia Editorial Nacional – São Paulo, 1955.
- LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1999.
- LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. v.11, t.1. (1ª série).
- _____. **A barca de Gleyre**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. v.11, t.1. (2ª série).
- _____. **Caçadas de Pedrinho, O Saci, Memórias da Emília**. 5.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- _____. **Emília no país da gramática**. 10.ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- _____. **Histórias de Tia Nastácia**. 31.ed. Ilustr. Manoel V. Filho. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **O Sacy-Pererê: resultados de um inquérito**. São Paulo: Secção de Obras de “O Estado de São Paulo”, 1918. (fac-símile).
- _____. **O poço do Visconde**. 5.ed. Ilustr. André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: a voz da criança**. São Paulo: Ática, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

